

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

23 Set 2017
18:00 Sala Suggia

—
HUMOR NA MÚSICA

Sylvain Cambreling *direcção musical*

Jean-François Lézé *tímpanos*

António Miguel Teixeira *guião e narração*

1ª PARTE

Wolfgang Amadeus Mozart

Uma Piada Musical, KV 522 (1787; c.18min)

1. *Allegro*
2. *Menuetto: Maestoso – Trio*
3. *Adagio cantabile*
4. *Presto*

Bernd Alois Zimmermann

Musique pour les soupers du Roi Ubu,
'ballet noir' em sete partes e uma entrada,
para orquestra, combo de jazz e narrador

(1962-66; c.25min)

1. *Entrada da Academia*
Ubu Rei, Capitão Bordure
e os seus apoiantes
2. *Mãe Ubu e os seus Guardas*
3. *Pile, Cotice e o urso*
4. *O Cavalo Phynanceiro e os lacaios da*
Phynança
5. *Pavane de Pissembock e Pissedoux*
6. *Canção de embalar dos pequenos*
financeiros que não conseguem adormecer
7. *Marcha do embrutecimento*

2ª PARTE

Mauricio Kagel

Peça de Concerto para tímpanos e
orquestra (1990-92; c.19min)

Thomas Adès

Danças de Powder her Face

(1995/2007; c.15min)

1. *Overture*
2. *Waltz –*
3. *Finale*

Cibermúsica, 17:15

Palestra pré-concerto por **João Silva**



casa da música



Maestro Sylvain Cambreling
sobre o programa do concerto

<https://vimeo.com/234482815>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
RESEARCH
AND
CONSERVATION
OF
SOUND

REMA
RECORDING
AND
ARCHIVING
MUSIC

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Do irreverente Mozart às novas opções estéticas do modernismo tardio, o humor apresenta-se neste concerto de diferentes formas. Mozart satiriza as convenções do seu tempo, Zimmermann ironiza o cânone musical ocidental, Kagel vira o foco do humor para o intérprete e Adès ridiculariza as histórias de amor da ópera através da música popular.

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO DE 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO DE 1791

Uma Piada Musical, KV 522

Uma Piada Musical (Ein musikalischer Spass) foi concluída em Viena a 14 de Junho de 1787. Aí se encontrava então Mozart, após o seu despedimento da corte de Salzburgo. Na cidade, era um profissional independente mas procurava um cargo que lhe pudesse garantir alguma estabilidade financeira. Sem um empregador fixo, foi obrigado a manter uma intensa e variada carreira de professor, compositor e pianista. O casamento em 1782, uma família para sustentar e dívidas crescentes associadas ao jogo, às conquistas amorosas e a um estilo de vida perdulário determinaram a sua carreira. Assim, apesar do contexto de escrita de *Uma Piada Musical* ser desconhecido, é possível que tenha resultado de uma encomenda para uma apresentação privada.

Uma piada musical satiriza as convenções musicais do Classicismo. A obra apresenta uma organização semelhante à da sinfonia, com quatro andamentos contrastantes. O primeiro andamento, *Allegro*, baseia-se na oposição de dois grupos temáticos de acordo com a forma *allegro* de sonata. O grupo temático inicial é cinético e afirmativo, enquanto

o segundo é lírico e *cantabile*, recorrendo pontualmente ao contraponto e ao chamado “baixo de Alberti”. Contudo, se a forma é tradicional, enquadrando-se numa abordagem mais convencional e menos subtil quando comparada com outras obras de Mozart, o conteúdo é um distanciamento irónico da estética mozartiana. Por exemplo, a repetição é um elemento constitutivo da retórica clássica. No primeiro andamento da peça, é exagerada ao ponto de caricatura, transformando a previsibilidade em monotonia.

O segundo andamento encontra-se numa textura de dança e na forma Minueto-Trio-Minueto. As acentuações denunciadas e o recurso a uma forma particular de contraponto retiram a elegância galante da dança. Paralelamente, as dissonâncias entre as trompas e as cordas satirizam uma abordagem canhestra à orquestração.

O andamento lento, *Adagio cantabile*, valoriza o aspecto melódico e parodia a cadência associada aos concertos solistas. Por um lado, as cadências ocorrem normalmente em andamentos rápidos. Por outro lado, esta apresenta um virtuosismo exagerado e sem rumo, num piscar de olho ao público.

A obra termina com um andamento em forma rondó-sonata no qual o desfaseamento entre perguntas e respostas e o adensamento do contraponto são mecanismos de acumulação de tensão, que atinge o clímax na cadência dissonante final.

Bernd Alois Zimmermann

COLÔNIA, 20 DE MARÇO DE 1918

KÖNIGSDORF, 10 DE AGOSTO DE 1970

Musique pour les soupers du Roi Ubu, 'ballet noir' em sete partes e uma entrada, para orquestra, combo de jazz e narrador

Ubu Roi é um marco do teatro modernista. Escrita por Alfred Jarry, a peça foi apresentada em Paris a 10 de Dezembro de 1896. A récita de estreia foi também a sua última, e causou grande comoção e escândalo no público. A peça satiriza o poder e o sucesso e foi inspirada em tragédias e peças históricas de William Shakespeare. Contudo, as estratégias narrativas são muito distintas. O seu enredo coloca um monarca de perfil marcadamente infantil numa narrativa que desafia a lógica. Essa encenação do exercício do poder é uma paródia ao teatro clássico e renascentista que leva o grotesco ao extremo. Num período em que o realismo era uma estética importante, as características de *Ubu Roi* prefiguraram o Surrealismo e do Dadaísmo, correntes estéticas que se consolidaram no mundo francófono algumas décadas depois. Assim, uma visão própria do Simbolismo finissecular antecipou alguns dos movimentos artísticos mais militantes e provocadores do século XX, que recorriam ao humor como estratégia de comunicação. Posteriormente, Jarry escreveu outras duas obras com a mesma personagem principal: *Ubu Cocu* e *Ubu Enchaîné*.

O pendor subversivo da peça coloca-a numa posição ideal para ser tratada por um compositor como Bernd Alois Zimmermann. A ruptura com as convenções dramáticas da peça pode ser facilmente traduzida na subversão das convenções musicais. É nessa pers-

pectiva que podemos enquadrar *Musique pour les soupers du Roi Ubu* (*Música para os banquetes do Rei Ubu*). O bailado ocupava um papel importante no entretenimento cortês. Assim, Zimmermann escreveu um *ballet noir*, dividido em vários quadros, para ser dançado num banquete na corte de Ubu. A obra foi composta entre 1962 e 1966, quando o compositor desenvolvia uma estética baseada em citações musicais. Essa abordagem caricatural ao cânone musical do Ocidente contrastava acentuadamente com as práticas musicais desse período, dominado pelos modelos seriais e pós-seriais associados aos Cursos de Verão de Darmstadt.

Musique pour les soupers du Roi Ubu foi estreada em concerto na Academia das Artes de Berlim a 31 de Janeiro de 1968 e o bailado apresentado pela primeira vez pela Deutsche Staatsoper a 25 de Abril do mesmo ano. As texturas repetitivas das danças formam um esqueleto que vai sendo preenchido com citações de obras eruditas muito conhecidas, misturadas com trechos de música contemporânea e com passagens de cariz jazzístico. Para intensificar o efeito, foi acrescentado um combo de jazz à orquestra. Zimmermann utiliza excertos do cânone musical europeu para criar um efeito de estranhamento no ouvinte. Assim, passagens de obras muito conhecidas são retiradas do seu contexto, cortadas e sobrepostas de forma a criar uma trama que enfatiza a associação livre de elementos. Paralelamente, Zimmermann cita peças contemporâneas, tornando a obra um mosaico de diversos tempos históricos.

Musique pour les soupers du Roi Ubu inclui excertos dos *Quadros de uma Exposição* de Mussorgski, da Sonata op. 31 n.º 3 e da Sinfonia n.º 6 de Beethoven, da *Sinfonia Fantástica* de Berlioz, do Concerto Brandeburguês n.º 1 de

Bach, da *Carmen* de Bizet, da *Marcha militar* de Schubert, de dramas musicais de Richard Wagner (*Tristão e Isolda*, *Os Mestres Cantores de Nuremberga* e *A Valquíria*), da *Abertura 1812* de Tchaikovski ou da *Marcha Radetzky* de Johann Strauss. Paralelamente, cita a ópera de Zimmermann *Die soldaten*, a melodia de canto-chão do *Dies irae* numa versão do organista Joseph Ahrens, a *Sinfonia Litúrgica* de Honegger, a abertura de *Mathis der maler* de Hindemith, a *Sinfonia em Dó* e o concerto *Dumbarton Oaks* de Stravinski, a *Crónica Judaica* de Paul Dessau, o *Klavierstücke IX* de Stockhausen, a *Ode an der Westwind* de Hans Werner Henze, os *Cantos de Libertação* de Dallapiccola, a *Sinfonia 1947* de Wolfgang Fortner, ou a *Música concertante* de Boris Blacher. Num período em que a inovação e a criação do novo era o paradigma do modernismo, Zimmermann apresenta uma obra que relaciona organicamente o passado com o presente, enfatizando a variedade e a descontinuidade.

Mauricio Kagel

BUENOS AIRES, 24 DE DEZEMBRO DE 1931

COLÓNIA, 18 DE SETEMBRO DE 2008

Peça de Concerto

para tímpanos e orquestra

A inspiração no passado é também um elemento importante na música de Mauricio Kagel. Nascido na Argentina, fixou-se na Alemanha no final da década de 50, onde interagiu com as correntes estéticas de vanguarda. Um dos aspectos mais marcantes da sua obra é o alargamento do papel do músico. Assim, Kagel integrou uma dimensão teatral na prática instrumental, o que se encontra bem patente na *Peça de Concerto* para tímpanos e orquestra. Escrita entre 1990

e 1992, é baseada na sua obra *Opus 1.991*, para orquestra. Kagel transformou-a, acrescentando-lhe um instrumento solista *sui generis*, os tímpanos. A escrita para percussão solista afirmou-se como uma prática contemporânea, mas dedicar uma obra orquestral aos tímpanos ainda é um fenómeno raro. Assim, Kagel subverte a ideia do solista associada ao virtuoso romântico, apresentando uma obra pouco convencional para um instrumento que raramente desempenha essas funções. A peça resultou de uma encomenda da Orquestra Sinfónica “Arturo Toscanini” da Emília-Romanha, que a estreou em Reggio Emilia a 17 de Outubro de 1992, com Jean-Pierre Drouet como solista e Fabrice Bollon como chefe de orquestra.

A obra tem uma abordagem humorística não só aos géneros para solista e orquestra, mas também à especificidade do instrumento. Com uma linguagem predominantemente diatónica, oscilando entre uma escrita convencional e uma abordagem mais livre, as atenções centram-se no virtuosismo do timpaneiro. Tendo em conta as suas características teatrais, é uma peça cuja eficácia assenta na visualidade da performance. Assim, à medida que a actividade do solista se torna gradualmente menos convencional, entramos numa espiral humorística em crescendo. A seriedade da sala de concertos, um templo para o público do século XIX, é subvertida pelo compositor, que mistura técnicas das vanguardas musicais contemporâneas com estratégias comunicativas próximas dos Irmãos Marx.

Thomas Adès

LONDRES, 1 DE MARÇO DE 1971

Danças de *Powder her Face*

A aristocracia é uma presença regular nos enredos operáticos. Por um lado, é uma classe social à qual o género se encontra associado desde a sua criação. Por outro, os aristocratas são colocados em palco com objectivos distintos, entre o enaltecimento e a ridicularização. Mozart, por exemplo, tem uma abordagem distinta à nobreza em *La Clemenza de Tito* e em *Don Giovanni*. A ópera de Thomas Adès *Powder her face* adopta o registo de *Don Giovanni*, no qual a aristocracia é dessacralizada. A ópera foi encomendada pelo Festival de Cheltenham, onde foi estreada a 1 de Julho de 1995. Posteriormente, algumas das suas danças foram adaptadas pelo compositor à sala de concertos, numa encomenda conjunta do Festival de Aldeburgh, da Philharmonia Orchestra e da Orquestra de Cleveland. A versão sinfónica foi estreada pela Philharmonia Orchestra sob a direcção do compositor no Festival de Aldeburgh, a 17 de Junho de 2007.

O libreto de *Powder her face* foi escrito pelo romancista Philip Hensher e inspira-se na vida sexual de Margaret Campbell, Duquesa de Argyll. Trata-se de uma sátira que subverte as convenções da ópera, em que o aristocrata lascivo tendia a ser homem e o adultério feminino era um tema recorrente. Adès e Hensher desenvolveram uma abordagem cómica focada na expressão crua da actividade sexual de Margaret, cujo processo de divórcio com o Duque causou grande escândalo na sociedade britânica em 1963. O vocabulário utilizado é bastante explícito, bem como

o tratamento musical dos actos sexuais, o que complicou a circulação da ópera.

De forma a pontuar a acção dramática, Adès recorre a danças do período Entre Guerras, quando a febre das danças sociais chegou mesmo a compositores modernistas como Stravinski, Kurt Weill ou Alban Berg. Assim, a liberdade conquistada pela mulher durante a juventude da Duquesa é representada pela estilização de música dessa época. Enfatizando a atmosfera hedonista do período encontra-se uma instrumentação próxima das orquestras de dança e das *jazz-band*, como a do inglês Jack Hylton. Assim, a música confere uma nota de realismo a uma obra baseada na abordagem crua, irónica e grotesca à situação. A uma abertura de cariz jazzístico marcada pelos portamentos nos sopros segue-se a estilização quase expressionista da valsa, ao estilo da Segunda Escola de Viena. Os *ostinati* e a regularidade rítmica unificam o andamento, caracterizado pela sobreposição de dissonâncias e pelo colorido da orquestração. O exagero de alguns traços do tango argentino constitui a base para o andamento final, que alterna secções marcadamente rítmicas com temas mais líricos. Nesse contexto, a experimentação sexual da Duquesa é acompanhada pela experimentação musical de Adès, num distanciamento irónico que funde música e sexualidade.

JOÃO SILVA, 2017

Sylvain Cambreling

direcção musical

O maestro francês Sylvain Cambreling é um músico com ideias irreverentes, um artista invulgar que gosta de captar a atenção do público. No entanto, a sua originalidade é baseada em profundos conhecimentos no campo da musicologia. Como Maestro Titular da Sinfónica da Rádio SWR de Baden-Baden e Freiburg e Maestro Convidado Principal do Klangforum Wien, tem dado amplas provas das suas qualidades e imaginação como programador e como divulgador da música contemporânea.

Em Setembro de 2012, Sylvain Cambreling assumiu a posição de Director-Geral de Música da Ópera Estatal de Estugarda. Desde 2010, é também Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Yomiuri Nippon. Foi Director Musical do Teatro La Monnaie de Bruxelas durante dez anos, antes de se tornar Director Musical da Ópera de Frankfurt em 1993. Notabilizou-se pela introdução de ideias novas, muitas vezes revolucionárias, em algumas produções para o Festival de Salzburgo (*Pelléas et Mélisande* e *Les Troyens*) e Frankfurt (*Wozzeck*, *Fidelio* e um ciclo dedicado ao *Anel do Nibelungo*). Tem desenvolvido uma forte relação com a Ópera Nacional de Paris, onde dirigiu óperas como *Saint François d'Assise*, *Pelléas et Mélisande*, *Kátia Kabanová*, *La Clemenza di Tito*, *O Amor das Três Laranjas*, *Don Giovanni*, *As Bodas de Fígaro*, *Simon Boccanegra*, *Les Troyens*, *Louise*, *La Traviata*, *Ariane et Barbe-Bleue* e *Wozzeck*.

Sylvain Cambreling equilibra os seus compromissos operáticos com o trabalho na Sinfónica Yomiuri Nippon, no Klangforum Wien e como convidado de grandes orquestras mundiais. Apresentou-se com as Filarmónicas de Viena e de Berlim, a Orquestra Tonhalle, as

Orquestras das Rádios de Frankfurt, Hamburgo, Colónia, Copenhaga, Estocolmo e Londres, a Philharmonia, a Sinfónica da BBC, a Sinfónica Alemã de Berlim, a Filarmónica de Munique, a Sinfónica de Viena, a Orquestra de Paris e a Filarmónica de Oslo. Na América do Norte dirigiu as Filarmónicas de Cleveland e Los Angeles e as Sinfónicas de São Francisco e Montréal.

Defensor acérrimo de uma programação inventiva, Cambreling é conhecido pela originalidade com que planeia os concertos. Uma das suas especialidades é a justaposição de obras ou compositores contrastantes mas de alguma forma relacionados: por exemplo, Haydn com Messiaen, ou *La Damnation de Faust* de Berlioz com *Cenas de Fausto* de Schumann. Entre os seus projectos mais recentes pode destacar-se a apresentação em noites consecutivas das três obras de maior dimensão de Messiaen – *Turangalila*, *Eclairs sur l'Au-delà* e *La Transfiguration de notre Seigneur Jésus-Christ*.

Em 2009, Sylvain Cambreling recebeu o Prémio “Maestro do Ano” da Echo Klassik e o Prémio da Crítica Discográfica Alemã pela “Melhor gravação orquestral do ano”. Em 2010, foi premiado com o MIDEM Contemporary Music Award pela gravação de obras de Messiaen com a Sinfónica da Rádio SWR de Baden-Baden e Freiburg. Foi condecorado com a Cruz de Mérito da República Federal da Alemanha em 2012.

Jean-François Lézé *tímpanos*

Jean-François Lézé é uma referência da percussão sinfónica e reconhecido pela sua polivalência artística. Timpaneiro, percussionista, pianista, professor e compositor, estudou no Conservatório Nacional Superior de Música de Lyon com François Dupin (Orchestre de Paris), Georges Van Gucht (Percussions de Strasbourg) e Roger Muraro. Actuou como solista convidado da Orquestra da Ópera de Lyon, da Orquestra Nacional de Lyon e da Orquestra Nacional de Montpellier. Mestre em Ensino Especializado da Música pela Universidade Católica do Porto, a sua intensa actividade pedagógica permitiu-lhe criar uma nova geração de percussionistas portugueses que actualmente colaboram com as principais orquestras nacionais.

Residente em Lisboa entre 1994 e 2002, foi Chefe de Naípe de Percussão da Orquestra Metropolitana de Lisboa e professor de percussão na Academia Nacional Superior de Orquestra. É timpaneiro solista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde 2002. Apresentou-se a solo com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Sinfonietta de Lisboa, a Sinfónica do Porto Casa da Música e em formações de música de câmara com figuras como Bernardo Sasseti, Mário Laginha, Maria João, Artur Pizarro, Augustin Dumay, Natalia Gutman, Katia e Marielle Labèque, Yuri Bashmet e os solistas de Moscovo.

O gosto pela música erudita, o jazz e as músicas do mundo levaram-no a países como Espanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Itália e Alemanha, e ainda China, Japão, Tailândia, Índia e Coreia do Sul.

Apassionado pela composição, tem recebido encomendas nacionais e internacionais. Actualmente a sua música é interpretada pela Europa, nos Estados Unidos da América e no Japão, sendo editada em Portugal, França e Suíça.

Desde Janeiro de 2017, Jean-François Lézé é timpaneiro solista convidado da Orquestra Filarmónica da Radio France em Paris.

António Miguel Teixeira *guião e narração*

António Miguel Teixeira integra o grupo vocal Vozes da Rádio, com o qual faz concertos regularmente em todo o país e pontualmente no estrangeiro. Com este grupo produziu programas de rádio, participou em filmes e gravou inúmeros registos discográficos.

Como solista, participou em óperas, musicais e concertos jazz e rock. É professor de Técnica Vocal e Iniciação Musical. É maestro titular do Coro Cor da Voz (Santa Casa da Misericórdia da Maia), do Coro do Hospital Magalhães Lemos, do Coro Voz da Indústria (SONAE Indústria), do Ar de Coro (Impresa norte) e do Coro Infantil de Santa Margarida. Integra a equipa Factor E! do Serviço Educativo da Casa da Música e é co-autor de vários workshops para o público infantil/juvenil, o público geral e pessoas com necessidades especiais. Apresenta-se regularmente em concertos do Serviço Educativo como director artístico e intérprete, e colaborou como narrador com o Coro Casa da Música e como actor com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Foi responsável por várias formações no Instituto Orff do Porto.

Estudou piano e canto no Conservatório de Música do Porto. Fez aperfeiçoamento vocal com Peter Harrison.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Vallado-

lid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos anos seguintes surgiram os CD monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Dorota Siuda*
Radu Ungureanu
Tünde Hadadi
Vladimir Grinman
Evandra Gonçalves
José Despujols
Vadim Feldblium
Roumiana Badeva
Andras Burai
Emília Vanguelova
Ianina Khmelik
Maria Kagan
Alan Guimarães
Diogo Coelho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Paul Almond
Domingos Lopes
Vítor Teixeira
Nikola Vasiljev
José Sentieiro

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Hazel Veitch
Jean Loup Lecomte
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Emília Alves
Theo Ellegiers
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Sharon Kinder

Michal Kiska
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Slawomir Marzec
Nelson Fernandes*
Pedro Barbosa*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Roberto Henriques*
Tamás Bartók
Luciano Cruz*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Pedro Silva*
João Moreira*

Saxofone

Fernando Ramos*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Bruno Costa
Nuno Simões

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Iliaria Vivan

Piano/Celesta

Elsa Silva*

Órgão

Luís Filipe Sá*

Guitarra

Luís Eurico*
Rui Gama*

Bandolim

David Rodrigues*

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

AGEAS PORTUGAL

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

APDL - ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DO DOURO, LEIXÕES E VIANA DO CASTELO, S.A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPQIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVESTE - SGPS, LDA.

PESCANOVA PORTUGAL

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA

SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP

PATRONO CHEFE DE NAÍPE TROMPETE DA ORQUESTRA

SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

LUCIOS



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

